

CIÊNCIA NA TV: UM ERRO HISTÓRICO

Claudia JURBERG

(FIOCRUZ)

Descreve algumas curiosidades sobre a história da televisão e, especificamente, sobre a ciência neste tipo de mídia. Embora trabalhos publicados (Barca, 1999; Pretto, 1992; Guedes, 1990) apontem o *Globo Ciência* (TV Globo), como pioneiro na divulgação de ciência na TV, o *Nossa Ciência*, produzido e levado ao ar todas as semanas pela TV Educativa (TVE) do Rio de Janeiro, surge em 1979, ou seja, cinco anos antes do *Globo Ciência*, veiculado, pela primeira vez, em 1984. Assim, aborda as características de cada um dos dois programas e faz uma análise sintética de outros programas de divulgação científica veiculados pela TV brasileira, na mesma época. A Foram produzidos apenas 10 programas *Nossa Ciência*, dos quais, só quatro foram recuperados. E é este quantitativo mais 11 programas *Globo Ciência* que constituem objeto de estudo.

Palavras-chave: Televisão Brasileira E Divulgação Científica, Divulgação Científica E Televisão Brasileira

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a divulgação científica (DC) na televisão, numa época específica, o final dos anos 70. Era o início da abertura política. Os exilados políticos estavam retornando ao País. Foi a época da volta do irmão do Henfil, como anunciava a canção de Aldir Blanc. Fernando Gabeira revolucionou ao lançar o livro *O que é isto, companheiro?* Os movimentos estudantis e operários no ABC paulista começaram a florescer. Na política, o comício das *Diretas Já*, realizado na Candelária, reuniu milhares e milhares de pessoas no Rio de Janeiro e emocionou o Brasil todo.

Na mesma época, o Brasil vivia algumas mazelas nacionais: a crise do petróleo, a inflação desenfreada e a população pôde constatar o tamanho da nossa dívida com o Fundo Monetário Internacional. Por outro lado, a mesma população iniciava o processo de culto ao corpo. A malhação virou mania nacional e as academias de ginástica proliferaram nos centros urbanos. Fazer *cooper* e aeróbica se tornaram moda.

Uma outra questão que surgiu entre o final dos anos 70 e início dos 80, foi a conscientização sobre a importância de preservação do patrimônio histórico e artístico nacional, apesar da criação do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional (IPHAN) ter ocorrido cerca de 40 anos antes, no governo Getúlio Vargas, em 1937, pela Lei nº 378. Além disso, também se fez mais forte a preocupação com a preservação do meio ambiente: ecologia, poluição, equilíbrio do ecossistema, fauna e flora em extinção, floresta Amazônica e Mata Atlântica se tornaram temas de destaque e ganharam espaço na imprensa e na sociedade nacional.

Neste contexto, afirma-se que surgiu mais um *boom* de divulgação científica no País e, especificamente, de jornalismo científico. Talvez possamos concluir que este *boom* apareceu em decorrência dos movimentos sociais dentro do contexto nacional. A divulgação científica era uma forma de democratizar a informação de ciência e tecnologia (C&T), contribuindo para a discussão de nossos problemas sociais, de nossa dependência do exterior.

O COMEÇO DA TV - ALGUMAS CURIOSIDADES NO PASSADO REMOTO

Segundo Doria; Doria (1999), os primórdios da TV aberta ocorreram em 1883 quando Paul Nipkow, um estudante alemão, inventou, em Berlim, o que denominou de telescópio elétrico. Nipkow desenvolveu a idéia inicial do que mais tarde seria a TV: a varredura de imagem (*scanning*) como meio de decompô-la, codificá-la em impulsos elétricos e assim transmiti-la.

De 1905 a 1923, vários avanços foram conquistados nesse campo. Primeiro, De Forest inventou o triodo. K.L. Braun descobriu o tubo de raios catódicos com dispositivo de varredura e, mais tarde, V. K. Zworykin desenvolveu o tubo de tomada de imagens. Em 1923, John Baiard conseguiu, pela primeira vez, transmitir silhuetas. Uma apresentação pública sobre o feito foi realizada em 1926. Na época, um americano, Francis Jenkins, também transmitiu silhuetas de seu estúdio em Washington DC. Em 1928, a *American Telephone and Telegraph Company* (ATTC), os Laboratórios Bell (*Bell Telephone Laboratories*, hoje, conhecidos como *Bell Labs*) e a *Radio Corporation of America* (RCA) montaram equipes de TV em suas divisões de pesquisa. Era o começo de uma profissionalização.

Em 1931, a RCA construiu uma antena no *Empire State Building*, o mais alto, até então, edifício de Nova Iorque e começaram os testes da emissora NBC. O objetivo era desenvolver a tecnologia de TV e colocá-la no mercado. Em 1928, foram feitas as primeiras

transmissões comerciais, ainda que experimentais, quando a emissora WYG televisionou uma peça teatral para uns poucos receptores na área urbana de Nova Iorque.

Em 1935, a França transmitiu programas regulares com uma antena instalada na Torre Eiffel, em Paris. Londres, Moscou e Leningrado passaram a ter transmissões em 1936. Em 1937, a RCA já fazia transmissões nas ruas de Nova Iorque. Outras emissões esporádicas foram feitas na Alemanha nazista, na abertura das Olimpíadas em 1936, e pouco depois, na Inglaterra, quando foi coroado o rei inglês George VI. Em 1939, a RCA transmitiu a abertura da Feira Mundial de Nova Iorque.

Em 1940, a televisão ganhou impulso tecnológico, que permitiu a primeira transmissão. E, logo a seguir, em 1 de julho de 1941, a *Federal Communications Commission* (FCC) autorizou o início das transmissões de TV pagas por patrocinadores. Este é o marco inicial da história da TV aberta como veículo de massa.

NO BRASIL - OS PRIMEIROS TEMPOS DA TELEVISÃO

A TV se instalou no País em 1950 e fez a sua primeira transmissão, através da PRF3-TV, TV Difusora, futura Tupi de São Paulo, no dia 18 de setembro de 1950, às 22:00h, com uma hora de atraso, já que a programação estava marcada para às 21h. O primeiro programa chamava-se *TV na Taba*

:

“Senhoras e senhores telespectadores, boa noite. A PRF 3 TV – Emissora Associada de São Paulo orgulhosamente apresenta neste momento o primeiro programa de televisão da América Latina.” (Abertura da transmissão inaugural da TV Tupi de São Paulo, apresentada pela atriz Iara Lins).

Na apresentação, Hebe Camargo deveria cantar o hino da televisão, com música de Marcelo Tupinambá e letra de Guilherme de Almeida, mas um resfriado a tirou do ar e foi Lolita Rodrigues quem interpretou a canção.

O Brasil foi o quarto país do mundo a ter televisão. O autor do milagre foi Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, proprietário, na época, dos Diários Associados, cadeia de jornais e emissoras de rádio (Squirra, 1990). Para conseguir apoio ao seu projeto, reuniu, em 1947, patrocinadores. Os primeiros foram a Sul-América Seguros, a Antarctica, laminação dos Pignatari e o Moinho Santista. Estas empresas pagaram adiantado um ano de publicidade - os 16 milhões de cruzeiros necessários para custear a RCA pela compra de uma

estação de TV. Para dar suporte técnico, um engenheiro da RCA, Walter Obermiller, veio ao Brasil para orientar a equipe local. Como havia apenas cinco televisores em São Paulo, Chateaubriand espalhou alguns aparelhos em pontos estratégicos da cidade, como a praça da República e o Jockey Clube. Cassiano Gabus Mendes dirigia a televisão. Na época, o improvisado era a marca da TV, já que a mesma foi inaugurada às pressas.

O atraso inicial foi devido a problemas técnicos numa das câmaras. Obermiller sugeriu que a programação só fosse ao ar no dia seguinte, mas os técnicos brasileiros insistiram em improvisar. Obermiller, contrariado, retirou-se dos estúdios, e a TV brasileira entrou no ar “*na base do jeitinho*”, com Homero Silva apresentando. O apresentador recebia os visitantes e explicava-lhes a importância da TV. No primeiro dia, a programação incluía quadros cômicos com Mazzaropi, esporte com Aurélio Campos, teatro como Lima Duarte.

A programação terminou às 23h. A mesma havia sido ensaiada nos últimos 20 dias e a equipe da Tupi viu-se diante de um problema angustiante: o que fazer no dia seguinte. Nada havia sido preparado. No dia 19 de setembro de 1950, foi ao ar o primeiro telejornal *Imagens do dia*, escrito por Rui Resende, minutos antes da transmissão.

Para dar impulso à nova tecnologia, Chateaubriand comprou 300 televisores, vendidos pelas lojas Cássio Muniz. Em 1951, o número de aparelhos duplicou no estado de São Paulo. Nos primeiros anos, as transmissões eram ao vivo, improvisadas ou ensaiadas como as peças de teatro televisionadas. As garotas propagandas também apresentavam ao vivo os produtos dos patrocinadores. Com o advento do videoteipe, na década de 60, foi possível gravar os programas, trabalhar os efeitos sonoros e visuais para depois transmiti-los.

É curioso notar que, no começo das transmissões televisivas, foi feita uma pesquisa por Costa *et al.* (1952) intitulada *Um país no ar* (Brasiliense/Funarte, 1986) e que aborda a questão do lazer do paulistano. A televisão na época nem era citada.

A formação de redes de televisão surgiu a partir dos anos 60. A produção centralizou-se entre Rio de Janeiro e São Paulo, o que barateou as produções, possibilitando a exibição em vários lugares. No Rio de Janeiro, o grande público passou a ter acesso aos aparelhos de televisão quando os mesmos passaram a ser colocados nas vitrines das lojas e em locais movimentados.

A FICÇÃO CIENTÍFICA NA TV BRASILEIRA

Em 1957, a TV Tupi desenvolveu um programa de ficção científica para crianças: *Lever no Espaço*, escrito e produzido por Mário Fanucchi, com coordenação geral de Oliveira

Sobrinho (Boni) e direção geral de Cassiano Gabus Mendes (Pretto, 1992). *Lever no Espaço* era levado ao ar, semanalmente, no horário nobre, aos sábados, às 20:30. Gravado em estúdio e intercalado com material produzido em 16mm, utilizava imagens produzidas externamente aos estúdios, maquetes, desenhos animados e contava com atores como Lima Duarte, Jaime Barcelos e Dionízio Azevedo. O argumento era sobre a chegada de um disco voador com os *verunianos*, que trariam informações sobre a catástrofe que aconteceria quando a Terra fosse varrida pela cauda de um cometa. Para salvar a Terra, era importante deslocar seu eixo de rotação e com isso tirá-la da rota do cometa. Um foguete lançado de Fernando de Noronha produziria o encontro entre cientistas e *verunianos*. No encontro, os cientistas aprenderiam como salvar a Terra. Não era um programa propriamente dito de divulgação científica, mas tinha preocupação com as informações científicas veiculadas, além do aspecto didático em algumas passagens.

No campo do jornalismo, surgiram o *Repórter Esso*, o *Mappin Movietone*, o *Imagem do Dia* e o *Edição Extra*. O pioneirismo de Chateaubriand logo foi copiado por outros paulistanos. Em 1952, surgiram a TV Paulista, Canal 5; em 1953, a TV Record, Canal 7 e; em 1958, a TV Cultura, Canal 2.

Quatro meses depois de inaugurada a TV Tupi de São Paulo, foi inaugurada a TV Tupi do Rio de Janeiro, em 20 de janeiro de 1951. Em 1953, foi lançada a TV Rio, Canal 13, fundada por João Batista do Amaral. Walter Clark e José Bonifácio, o Boni, foram para o comando da TV Canal 13. Em 1952, também chegou ao Paraná, em Curitiba; e a TV Itacolomi, em Belo Horizonte. Em 1957, a TV Rádio Clube de Pernambuco, no Recife, e a TV Alterosa, em Belo Horizonte, foram ao ar. A TV Piratini, de Porto Alegre, foi inaugurada em 1959. Em 1960, Brasília inaugurou a TV Alvorada, ligada à Record, e a TV Brasília, vinculada aos Associados.

ALGUMAS AFIRMATIVAS

Pretto (1992) e Barca (1998), em artigos sobre a ciência na TV, intitulados, respectivamente, *A ciência nos meios de comunicação* e *Ciência e comunicação na TV comercial - 14 anos do Programa Globo Ciência*, bem como Guedes (1990), em sua dissertação *Globo Ciência; inventário e análise do arquivo de cartas recebidas dos telespectadores em 1998* afirmam que:

“Pode-se, no entanto, dizer que o programa pioneiro de divulgação científica na televisão brasileira foi o Globo Ciência, realizado pela Fundação Roberto Marinho, com apoio financeiro da Fundação Banco do Brasil, e veiculado pela Rede Globo de Televisão semanalmente aos sábados às 7:30h. Um acordo de cooperação entre a Rede Globo e a Rede Brasil de Emissoras Educativas (TVEs) fez com que o programa seja reprisado em todo o Brasil pelas TVEs.” (Pretto, 1992, p. 8).

“Dessa grande leva de programas especializados, o Globo Ciência, reconhecido como programa pioneiro de divulgação científica na televisão brasileira, é o único sobrevivente. Produzido pela Fundação Roberto Marinho, o programa foi lançado em outubro de 1984 e está até hoje no ar, todo o sábado de manhã.” (Barca, 1999, p. 81-86).

“... Ao longo dos anos, o Globo Ciência - primeiro informativo de ciência da televisão brasileira, levando ao ar ininterruptamente todos os sábados pela manhã - foi conquistando não apenas a confiança da comunidade científica, mas também do telespectador.” (Guedes, 1990).

REPARANDO UM ERRO

Embora os autores supracitados afirmem que o programa *Globo Ciência* foi o pioneiro na DC na televisão brasileira, no final da década de 70, mais precisamente em outubro de 1979, entrou no ar o primeiro programa de divulgação científica de que se tem notícias até hoje. O programa *Nossa Ciência* foi idealizado e levado ao ar pela TV Educativa do Rio de Janeiro. Foram 10 programas produzidos e veiculados em horário nobre: sexta-feira à noite. O idealizador do programa foi o jornalista e professor Nilson Lage, na época, das universidades federais Fluminense e do Rio de Janeiro e, atualmente, lecionando na Universidade Federal de Santa Catarina. Lage era o diretor de jornalismo da TVE. O programa ainda contava com os jornalistas Luiz Gleiser e Erika Franscizka.

ESTRUTURA DO NOSSA CIÊNCIA

Não havia uniformidade nos programas *Nossa Ciência*. Vale ressaltar que, dos 10 programas produzidos, conseguimos recuperar somente quatro. A TVE passou por uma crise

financeira muito grande nas últimas décadas e algumas fitas foram destruídas, ou melhor, os profissionais da TV aproveitaram-nas para gravações de outros programas. Dentre os quatro, cada um possuía estrutura diferenciada. A idéia, segundo Franscizka, era de se explorar um tema único, ou seja, o programa seria monotemático com uma matéria na primeira meia hora e um debate na última meia hora. Seriam convidados três cientistas diferentes dos que deram depoimento ao longo do programa e o jornalista Ivan Alves seria o debatedor em todos os programas. Alves era considerado um patrimônio do jornalismo brasileiro e, principalmente, da TVE, vinculado aos quadros da Associação Brasileira de Imprensa.

A proposta do *Nossa Ciência* era divulgar o desenvolvimento da ciência no âmbito dos institutos de pesquisa do Rio de Janeiro, pois a TV Educativa não possuía recursos para enviar equipes a outros estados brasileiros. Foi, como afirmou Franscizka, a primeira vez que se retirou o cientista do laboratório para debater um assunto de sua especialidade na TV. Era um programa longo, cerca de uma hora de duração. Os produtores compartilhavam da idéia de que, para prender a atenção do telespectador, era preciso idealizar um formato no qual não seria necessário ver, mas apenas ouvir, como num programa de rádio. Por isso, a escolha pela fórmula dos debates durante cerca de 30 minutos.

No dia 30 de outubro de 1979, entrou no ar o primeiro programa de uma série de 10. O programa de estréia era politemático, ou seja, vários assuntos tratados no mesmo dia. O tema de abertura foi abordado pelo pesquisador e ex-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Ennio Candotti, que discutiu a importância da divulgação científica no País. Posteriormente, o programa abordou uma série de reportagens sobre diferentes temas científicos: das pesquisas em doença de Chagas realizadas no Instituto Oswaldo Cruz à reserva de mercado para informática. Neste programa inicial, mais de 10 temas diferentes foram tratados.

No segundo programa, os produtores optaram por um formato monotemático: o tema corrosão. Dos programas encontrados nos arquivos da TV Educativa, no Rio de Janeiro, este é o único que segue o modelo proposto. O cientista divulga e transmite a informação para um público que não tem conhecimento sobre o assunto. E no último bloco, um debate com três convidados e um mediador.

Dos quatro programas *Nossa Ciência* recuperados, um outro aborda a questão da ecologia, sob o título *Ecologia: ciência ou moda?* Mesclando imagens internacionais com reportagens locais, aborda um dos temas que despontavam nos debates da época, e foi parcialmente ilustrado com imagens das televisões estrangeiras.

E por último, o *Nossa Ciência* sobre a 32ª SBPC. Um momento histórico que o País vivia. Era o início da abertura política e a SBPC representava espaço para discussão do futuro da nação. Na SBPC, não se falava de ciência, mas de política científica. Várias personalidades do mundo da ciência, como Herman Lent, Ennio Candotti, Alberto Passos Guimarães, José Goldenberg e Warnik Kerr; das artes, como a atriz Regina Duarte, que abordava a questão feminina na minissérie *Malu Mulher*; e até mesmo políticos, como Fernando Henrique Cardoso, Maria da Conceição Tavares e Francisco Weffort comentavam o tema da abertura política.

Em resumo, os programas recuperados e analisados mostram que não havia preocupação com a estrutura. Todos se diferenciam em seus formatos. O único que segue os padrões idealizados para o *Nossa Ciência* foi o sobre corrosão, como antes mencionado.

Vale ressaltar, que a programação de uma TV Educativa sem fins lucrativos é direcionada para produzir programas de interesse geral. Além disso, privilegia o caráter educativo, de forma a colaborar com escolas, organizações não governamentais etc. A programação da TVE procura sempre prestar um serviço, orientando a população. Seu jornalismo busca aprofundar os fatos, analisá-los e informar a comunidade. Sua produção é cuidadosa para atrair o maior número de espectadores e passar o conteúdo de forma atraente e clara.

A SAFRA DOS PROGRAMAS TELEVISIVOS DE JORNALISMO CIENTÍFICO

Da grande leva de programas especializados no final dos anos 70 e início dos 80 como *Nossa Ciência*, outros surgiram como o *Estação Ciência* (Manchete), *Academia Amazônia* (TV Cultura), *Tome Ciência*, *Eco Realidade* (Fundação Roquete Pinto), *Universidade* e *Paidéia* (TVEducativa), o *Globo Ciência*. Este, antes reconhecido como programa pioneiro de divulgação científica na televisão brasileira, é o único sobrevivente. Produzido pela Fundação Roberto Marinho, lançado em outubro de 1984, está no ar até hoje, todos os sábados de manhã.

Antes de abordar algumas das características do programa *Globo Ciência*, é importante lembrar dos que existiram e resistiram por alguns anos durante o *boom* científico na televisão. O Programa *Tome Ciência*, por exemplo, foi lançado pela TVE, em outubro de 1987 (Preto, 1992). Era veiculado aos sábados e reprisado nas segundas. Com 30 minutos de duração, sua realização estava sob o comando de Motta Lima Produções e Comunicações Ltda, enfrentando as dificuldades de uma produção independente, pois a Funtevé apenas

exibia o programa. Abrigava três vertentes: um noticiário de caráter nacional; reportagens sobre os avanços tecnológicos e as entrevistas sobre política científica. Ainda possuía uma videoteca de exibições passadas para atender às solicitações dos telespectadores, às entidades educacionais e estimular jovens com o prêmio Sasse de Ciência e Tecnologia.

A antiga TV Manchete também criou um programa de divulgação científica, batizado de *Estação Ciência*. Iniciado em 1988, foi também realizado por uma produtora independente, a Ema Vídeo de Brasília, e era semanal, com duração de 30 minutos. Voltava-se para a defesa da tecnologia nacional e para o aspecto prático das pesquisas científicas.

Ainda foram realizados outros programas, como o *Baleia Verde*, transmitido pelo Sistema Brasileiro de Televisão Educativa e realizado por uma produtora independente, enfocando a ecologia e o meio ambiente. *Terra Azul*, veiculado pela TV Manchete, apresentado por Paula Saldanha, com participação do esforço SOS natureza, constitui outro exemplo. Além do mais, produções internacionais foram adquiridas pela TV Cultura, como o *Planeta Terra*, dos Estados Unidos da América do Norte, e o *Supersense*, produzido pela BBC de Londres.

Na época, a SBPC iniciou o processo de criação de uma videociência, reunindo e cadastrando vídeos científicos, para utilização da comunidade científica e do público em geral.

GLOBO CIÊNCIA

Em 29 de junho de 1984, a equipe da Fundação Roberto Marinho, ligada ao departamento de televisão, apresentou o projeto *Globo Ciência*, como “...série de TV com a proposta de desmitificar a ciência como um privilégio dos pesquisadores e aproximá-la do telespectador, visando ampliar o poder de conhecimento do ser humano e seu controle sobre o mundo.” (Guedes, 1990). Em outubro, foi ao ar a primeira chamada do programa com os seguintes dizeres: “reportagens e depoimentos que vão mostrar como a ciência e tecnologia podem melhorar a qualidade de vida do homem. Você vai conhecer descobertas recentes e pesquisas científicas que buscam novos caminhos para o Brasil de hoje.” Contava com o apoio do Fundo de Incentivo à Pesquisa Técnico-Científica do Banco do Brasil junto com a marca da Fundação Roberto Marinho.

Outras chamadas foram produzidas para veiculação na TV Globo, como por exemplo: “Sábado, dia 20, estréia o *Globo Ciência*: reportagens e depoimentos que vão mostrar como a ciência e a tecnologia podem melhorar a qualidade de vida do homem. Você vai conhecer

descobertas recentes e pesquisas científicas que buscam novos caminhos para o Brasil de hoje.”

Na época, a Rede Globo, em seu boletim informativo, publicou matéria sobre a popularização da ciência. O boletim foi distribuído para a imprensa que repercutiu o assunto. Na realidade, segundo Guedes (1990), o objetivo do *Globo Ciência* era decodificar para um público heterogêneo como só a televisão possui - abrangendo desde não escolarizados até a comunidade científica e setores da economia nacional - informações e projetos científicos. Para isso, foi evoluindo em seu formato, buscando uma linguagem ideal - jornalística, atraente e dinâmica. Além disso, o programa pretendia despertar no grande público o interesse pela ciência; contribuir para a qualidade de vida do brasileiro; divulgar as atividades de C&T junto à população escolar; estimulando novas gerações de cientistas; proporcionar a comunidade de cientistas um canal para divulgação de seus trabalhos; fazer circular junto ao empresariado privado e estatal informações sobre tecnologia gerados em projetos nacionais, capazes de abastecer o setor produtivo com instrumentos adequados às necessidades nacionais.

A estrutura do programa, em 1984, era a seguinte:

- Notícias curtas e eventos do mundo científico, para o telespectador conhecer as possibilidades criadas no mundo da ciência e no que isso o atinge;
- Caso ciência – tratar conceitos, objetos e processos da ciência que tenham íntima relação com a vida do brasileiro, com suas necessidades e como a ciência contribui para suprir estas necessidades;
- Mostrar o processo evolutivo da ciência, cada caso deveria trazer uma retrospectiva histórica, não em forma de aula, mas em tom jornalístico;
- Ser cientista – um quadro com o dia-a-dia do cientista, seu trabalho, sua paixão, motivações e problemas. A intenção era mostrar o cientista como alguém comum, não um louco desvairado.

O público que o programa pretendia atingir:

A princípio, um público bastante diversificado, abrangendo desde carentes de escolaridade até a própria comunidade científica e setores da economia nacional. Depois, verificou-se que o programa atingia muito mais os adolescentes.

A imprensa reagiu. Arthur da Távola e José Reis escreveram artigos sobre o programa. Ambos fizeram várias críticas: da frieza à preocupação com a manipulação da informação, o que fez a direção do *Globo Ciência* alterar seu formato.

A partir de 1985, o *Globo Ciência* entra numa nova fase. A apresentação era de Luciana Villas-Boas e as reportagens de Sérgio Brandão. Passou a ter mais agilidade e

dinamismo, trazendo mais informações sobre eventos, cursos e seminários. Nesse mesmo ano, recebeu o Prêmio José Reis de divulgação científica na categoria Instituição: *"...boa qualidade do programa, que atinge um público jovem e de grandes proporções, despertando-lhe o interesse pelas atividades científicas, através de métodos atraentes do ponto de vista da comunicação."*

Em 1986, novamente, o Programa entra em outra fase. Sofreu alterações e, em virtude da Constituinte, começou a discutir questões nacionais, como saúde, energia, produção de alimentos e planejamento familiar. À época, a direção geral do *Globo Ciência* ficou a cargo de Sérgio Brandão. O jornalista afirma que o programa *"...foi o primeiro informativo de ciência, regular, dentro da televisão brasileira, levado ao ar todos os sábados, conquistando não apenas a confiança da comunidade científica, mas também do público."*

O episódio que marcou a nova fase do *Globo Ciência* foi a cobertura da Reunião da SBPC, em 1986, realizada em Curitiba. O programa também passou a mostrar ao telespectador a importância e o planejamento do método científico para a realização de qualquer projeto de pesquisa. Mas, os temas que mais interessavam ao telespectador do *Globo Ciência* eram aqueles próximos ao seu cotidiano: habitação, aprimoramento profissional e bem estar próprio. Por outro lado, os mais distantes da realidade não o motivavam. Os temas que ensinavam a criar com as próprias mãos, desenvolver produtos úteis, utilizando material barato e disponível; gerar soluções criativas, foram os que suscitaram o maior número de cartas enviadas (Guedes, 1990). O programa procurava instigar a curiosidade científica, mas também aguçar a crítica e dúvidas, procurando mostrar o processo da ciência, desde o planejamento até a execução de um projeto científico.

Os telespectadores do programa acreditavam e, talvez, acreditem, até hoje, que a ciência é simples e visa a beneficiá-lo (Guedes, 1990). Os telespectadores acreditavam que a divulgação científica era o meio através do qual a aplicabilidade da ciência seria repassada à comunidade. Esses dados foram observados a partir de um *feedback* numa análise das cartas enviadas aos produtores do *Globo Ciência*. O programa possibilitava aos telespectadores o envio de sugestões, comentários e críticas por meio de cartas que chegavam à produção.

O *Globo Ciência* logo passou a ser comercializado pela Globo Vídeo, empresa da Rede Globo, e os telespectadores podiam conseguir cópias em vídeo de seus temas favoritos. Isto possibilitou que fosse adquirido por universidades, centros tecnológicos e empresas, inclusive do exterior. Em 1989, ganhou novo prêmio com o episódio *Será que é isso mesmo?*, que encorajava o público a questionar a certeza dos cientistas, na Mostra Internacional de

Vídeo Científico, realizado em Bristol, Inglaterra, no âmbito da Sci-Tech 89, uma das mais importantes feiras de C&T da Europa.

O *Globo Ciência* enfrentou diversas mudanças. Várias foram as produtoras responsáveis pela sua realização. Entre estas, inicialmente pela própria Fundação Roberto Marinho, posteriormente pela Globo Vídeo (1985/1989), Videociência (1989/1991), Manduri (1991/1995), Pró-vídeo (1995/1998), Canal Futura e TV Zero (1998/2000).

Atualmente, a audiência estimada é de dois pontos no Ibope, o que significa dois milhões de aparelhos ligados. O programa começou sendo exibido às 10:30 da manhã, depois passou para 8:30 e, atualmente, é aos sábados, em horário bem cedo. O programa é reprisado pela TVE no domingo, às 12:00h. O público atual é de adolescentes, estudantes do ensino médio e moradores do interior.

O programa sempre ocupou, dentro da TV Globo, um lugar marginal, e jamais contou com o apoio da emissora, seja para produção, seja para exibição em horário de melhor audiência. Se a “*marginalidade*” dá certa liberdade para escolha dos temas abordados, por outro, traz vulnerabilidade à sua própria existência, pois nos momentos de crise e de falta de financiamento, é difícil a recuperação. Atualmente, é monotemático, com uma produção, em grande parte, em estúdio. Com visto, é mais dirigido aos adolescentes, e recorre a recursos teatrais para explorar os temas científicos. Hoje, tem cerca de 15 minutos e é idealizado pela TV Zero Produções.

REFERÊNCIAS

BARBOSA LIMA, F.; PRIOLLI, G.; MACHADO, A. *Televisão e vídeo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BARCA, Lacy. *Ciência e comunicação na TV comercial*: 14 anos do Programa Globo Ciência. São Paulo: Moderna, 1999.

DORIA, F. A.; DORIA, P. *Comunicação*: dos fundamentos à Internet. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

COLEÇÃO Nosso Século: 1945/1960. São Paulo: Abril Cultural, 1980. v. 3.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO/FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. *Catálogo de vídeos Globo Ciência 10 anos (1984-1994)*. 2. ed. Rio de Janeiro, 1996.

PRETTO, N. A ciência nos meios de comunicação. *Tecnologia Educacional*, [s. l.], v. 21, p. 109, nov./dez. 1992

SQUIRRA, S. *Aprender telejornalismo*: produção e técnica. São Paulo: Brasiliense, 1990.